

JOSÉ DE MESQUITA

Virgílio Corrêa Filho¹

A leitura de "Notas Paulistas", na gazeta que Estevão de Mendonça e Amarílio de Almeida fundaram, a 2 de março de 1910, em moldes diferentes dos adotados pela imprensa cuiabana, surpreendeu-nos com acentuada vocação literária de jovem autor que desconhecíamos.

A sua adolescência desenvolvera-se depois que partimos para terras distantes, quando a comunicação entre Cuiabá e a Capital Federal arqueava-se por extensa via fluvial, através de Assunção, Buenos Aires e Montevidéu, que se afigurava engravescer a ausência, tornando-a mais afastada. O estreante, José de Mesquita freqüentava, então, a Faculdade de Direito de São Paulo, à semelhança de outros conterrâneos, que a procuram desde o triênio imediato à sua inauguração, como A. Navarro de Abreu, João Gaudie Ley, José da Costa Leite Falcão, matriculados em 1831, conforme ele próprio assinalaria em "**Os Primeiros Bacharéis Matogrossenses**".

Nascido em Cuiabá, a 10 de março de 1892, viu-se aos cinco meses, órfão de pai, advogado homônimo, também dado às letras, que praticava no jornalismo e na tribuna de conferências. Coursou as humanidades no Liceu Salesiano de São Gonçalo, dirigido pelo Padre Helvécio Gomes de Oliveira, mais tarde arcebispo de Mariana, que se comprazia em estimular os seus alunos aos estudos, principalmente quando lhes percebesse inequívocos pendores literários.

Bacharel em Ciências e Letras, ao findar 1907, alegrou-se a conhecer a Paulicéia, onde não lhe faltaram colegas de iguais anelos de arte, com quem se arrojaria a aventuras intelectuais.

Diplomou-se com a turma de 1913, depois de ter colaborado no órgão do "Centro Acadêmico Onze de Agosto" e em vários semanários.

Aos poucos se afastou das crenças trazidas do lar, reconstituído pelo consórcio da viúva D. Maria de Cerqueira Caldas, com o Comendador Antônio Tomaz de Aquino Corrêa, que também perdera a esposa. D. Maria d'Aleluia Gaudie Ley, de quem proveio, com outros irmãos, D. Francisco de Aquino Corrêa, predestinado a luminosa trajetória, até dignificar o Arcebispo de sua terra natal. O afastamento que separou os dois mimosos da inteligência, facilitaria o passageiro antagonismo religioso, que ameaçou desuni-los definitivamente. Enquanto o acadêmico se aproximava de

¹ Texto retirado da obra "Gente e Coisas de Antanho" p. 22 a 33.

Renan e de outros guias dos livres-pensadores, o enteado de sua piedosa mãe permanecia em Roma, donde tornaria com o diploma de doutor em teologia e filosofia e ensinamentos que neutralizassem as dúvidas fraternas.

Embebido de leituras de quanto lhe cegasse ao alcance, valeu-se Mesquita da pena para fixar as suas impressões, acolhidas de bom grado por Estevão de Mendonça, consoante recordaria à beira do túmulo do amigo prestante, que também o fora do seu genitor, ao proferir palavras de despedidas em nome do Instituto Histórico e da Academia Matogrossense.

“Foi por suas mãos experientes e dedicadas que, estudante ainda, comecei a escrever no jornal ‘O Comércio’ e que dei os meus primeiros passos na árdua profissão da advocacia”.

Coube, em verdade, a essa folha revelar aos conterrâneos o incipiente escritor, que nos apressamos em conhecer, assim que se nos deparasse oportunidade.

Nossos rumos divergiam, pela profissão diferente e centros de aprendizagem, que nos atraíram respectivamente para São Paulo e Rio de Janeiro.

Não obstante, houve ensejo de nos encontrarmos, logo após o seu regresso à Capital matogrossense, esperançoso e confiante no futuro.

Imediatamente, começou a amizade, que viçou pela vida afora, quando lhe acompanhamos, com incontidos aplausos, a carreira ascendente, desde professor na Escola Normal (1914), e procurador Geral do Estado de Mato Grosso (1915), a diretor da Secretaria do Governo (1916) a juiz de Direito da Comarca do Registro do Araguaia (1920) e, por fim, a desembargador do Tribunal de Apelação, cuja presidência exerceu por mais de um período.

As relações, que se enraizaram na mútua estima e acentuadas afinidades morais, intensificaram-se ainda mais, durante o decênio, que o destino nos reteve em Cuiabá, a partir de 1916.

Com alegria de viver, irradiava simpatia e entusiasmo, de sorte que não lhe foi difícil promover a convocação de parceiros compreensivos para memoráveis campanhas ideológicas.

O Bicentenário da fundação de Cuiabá, que se avizinhava, ao despertar animação geral, estimulada pela euforia econômica, embora passageira, não deixaria de inspirar-lhe a atuação patriótica, mediante fecundas iniciativas, que tiveram o seu eficaz apoio e cooperação. Aliás, a cidade, plantada pelos bandeirantes no recesso dos sertões, vibrou de júbilo coletivo naquela quadra memorável, marcada pela fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso, ao raiar o mês de janeiro, embora adiasse a inauguração solene para data oportuna.

Nesse dia, a capital matogrossense despertou pelas quatro horas da madrugada, ao estrugir de foguetes e salvas, e ao som marcial de fanfarras e clarins, que percorreram as principais ruas, até a Praça da República, onde se erguia vistoso altar com a história e sagrada imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, no átrio da catedral metropolitana.

Realçando a decoração festiva em torno, grandioso arco, encimado pela bandeira do Estado, ostentava a inscrição “**Salve 8 de abril de 1719 - 8 de abril de 1919.**”

A hora, aprazada, o venerando arcebispo D. Carlos Luis d’Amour começou a missa campal, na presença do Presidente do Estado e seus secretários, magistrados, congressistas, autoridades graduadas e numerosa assistência.

Terminada a cerimônia religiosa, ouviu-se o hino a Mato Grosso, letra de D. Aquino, cantado por alunas da Escola Modelo, e sem demora, a oração do deputado e major Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, que discorreu com eloquência acerca dos acontecimentos regionais.

Mais de duas mil crianças de várias escolas desfilaram em seguida, diante do Palácio do Governo, onde já se achava o Presidente D. Aquino Corrêa, que, a noite, compareceu ao Palácio da Instrução, acompanhado de individualidades de escol, para inaugurar solenemente o Instituto Histórico, enquanto na praça próxima se exibiam, para o povo, filmes de assuntos matogrossenses cedidos pela Comissão das Linhas Telegráficas.

Proferiu, então, formosa alocução, em que indicou a expressiva divisa que a entidade nascente adotou, ufana: “*Pro pátria cognita atque immortalis*”.

Quando se resumissem as comemorações apenas aos atos festivos do dia 9 de abril, já estaria bem assinalada a passagem do bicentenário, que, todavia, ainda continuou a inspirar várias festanças populares, nos meses seguintes, em que se realizaram congadas, danças folclóricas, inaugurações de obras públicas. Várias, porém, se adiaram até a semana de encerramento, honrada, a 30 de novembro, com a presença do Núncio Apostólico, D. Ângelo Scapardini, que assim atendeu ao convite presidencial, acompanhado do Bispo de Corumbá, D. José Maurício, de Cáceres, D. Luís Maria Gallibert e outras autoridades, que se harmonizaram com o ambiente social.

Durante a sua presença em Cuiabá, onde recebeu carinhosa manifestação popular, franqueou-se ao tráfego urbano de automóveis à Avenida Presidente D. Aquino, assim designada, na ocasião.

A inauguração de melhoramentos na Santa Casa de Misericórdia, da nova Igreja Matriz de S. Gonçalo, da Praça Luís de Albuquerque, de novas obras no

Campo de Demonstração, constituíram outros tantos números do programa, que só terminou a 9 de dezembro, com o regresso dos visitantes de alta hierarquia.

Além de contribuir em mais de uma comissão, Mesquita pessoalmente levou aos prelos, na tipografia de J. Pereira Leite, seu amigo, a coletânea "Poesias", com o subtítulo "Do Amor, Da Natureza, Do Sonho, Da Arte".

Equivalia a sintética mensagem, mais expressiva ainda na declaração datada de "Cuiabá MCMXIX", que a precedeu: "A Mato Grosso, minha querida terra natal, na data festiva do seu Bicentenário, dedico as primícias de um espírito que se formou na visão do seu passado tradicional e no sonho do seu futuro luminoso".

O amor à vida rompia-lhe das estrofes consagradoras do seu culto à mulher, raramente repassadas de desânimo:

"O poeta é como o alquimista
da legenda medieval...
E a tortura que o contrista
é, no seu sonho de artista,
nunca encontrar o ideal".

Mais tarde, com análogas inspirações, publicaria "Terra do Berço" (1927), "Da Epopéia Matogrossense" (1930), "Os Poemas de Guaporé" (1949), além de poesias de encantador lirismo, em "Três Poemas da Saudade" (1943), "Escada de Jacó" (1945), "Roteiro da Felicidade" (1946).

Quando se organizou o Instituto Histórico de Mato Grosso "uma das mais significativas comemorações do Bicentenário", no frasear expressivo de D. Aquino Corrêa, incluiu-se entre os seus membros mais diligentes desde as providências preparatórias.

A idéia empolhara na "Comissão Promotora da Comemoração do Bicentenário de Cuiabá", mas somente se tornou exequível depois que o delegado do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Dr. Eurico de Góes, oferecendo a colaboração desta veneranda instituição, que representava, obteve o amparo decisivo do Presidente de Mato Grosso.

A proteção do insigne prelado, que na ocasião governava o Estado, garantir-lhe-ia o prestígio e prosperidade por longo período.

Certo, não lhe negaria Mesquita a sua cooperação eficaz, onde, quando, e como se tornasse necessária. mas desejaria conferir às belas letras a primazia, acorde com as suas preferências estéticas.

Então, irmanado a João Barbosa de Faria e Lamartine Ferreira Mendes, promoveu a convocação de futuros confrades, que também reconhecessem a *“imperiosa e inadiável necessidade de um centro intelectual que congregue e aproxime o escol do pensamento, a aristocracia das idéias, servindo, assim, permitase-nos a expressão de um cadinho que faça fundir num só ideal superior e coletivo, as múltiplas aspirações da classe pensante”*.

Eram propósitos que expendera pela imprensa, desde 1916, lembrados em sessão de 22 de maio de 1921, quando foi deliberada a sua fundação.

O Instituto não lhe bastava, por se destinar especialmente às pesquisas históricas.

Queria mais liberdade de ação, em que se expandisse a fantasia criadora.

De Ramalho Ortigão sentenciou Eça de Queiroz, ao exaltar-lhe a individualidade vigorosa, que não era apenas autor das “Farpas”, cuja influência literária, artística e social em Portugal o tornou famoso, mas também o fenômeno inverso.

As “Farpas”, por sua vez, o modelaram de certo modo, ampliando-lhe as idéias e aformoseando-lhe a expressão, por maneira que o escritor se tornou mais compreensivo e capaz de expor claros pensamentos em linguagem elegantemente plástica.

Semelhantemente, poder-se-ia dizer que não foi, José de Mesquita, somente o principal criador do Centro, transfigurado na década seguinte, a 7 de setembro de 1932, em Academia Matogrossense de Letras.

Identificou-se intimamente com a instituição, a exemplo de seu guia literário e modelo. Devotara-se Machado de Assis, na última fase da sua existência, com solicitude paterna, a fortalecer a nascente Academia Brasileira de Letras, ao imprimir-lhe o viço e a marca das organizações imorredouras.

Mais do que o Mestre, glorioso em sua velhice veneranda, Mesquita começará, em ambiente acanhado, por despertar as tendências agremiativas de possíveis e estimulá-los à missão radiosa.

E dava o exemplo de irrestrita dedicação ao cenáculo de que era o obreiro infatigável.

Os companheiros, que o auxiliaram de boa mente, saberiam que, em caso de falharem, a tarefa respectiva não pereceria, sustentada pelo operoso presidente, que a tudo atendia discretamente, sem pretensões de empolgar o mando indesejável.

Organizador dos programas lítero-musicais, em que se convertiam as

sessões do sodalício, instava pela colaboração feminina, que não lhe faltou, aumentando-lhe a influência na sociedade cuiabana. E a tudo cumpria-lhe atender, fosse quanto à parte intelectual, fosse em relação a providências de ordem material, antes da aquisição da sede própria, mercê da boa vontade do governo Estevão Corrêa, que, solicitado por individualidades de prol, desapropriou, a 14 de janeiro de 1926, a casa em que residiu e veio a falecer o Barão de Melgaço.

Todavia, não se ultimou na época a doação, de que, decorrido sombrio triênio, trataria o decreto de 23 de novembro de 1930, do Interventor Federal Coronel Antonino Mena Gonçalves, subscrito pelo Secretário Geral, então Virgílio Corrêa Filho: **“Considerando que fôra a aquisição feita em atenção a um grande movimento popular, visando a fazer perdurar na referida casa o mesmo ambiente de intelectualidade que ali existia em vida do bravo almirante e maior conhecedor das cousas matogrossenses do seu tempo”**, e por outros motivos citados, rezava o artigo:

“A Casa de Melgaço, sita à rua do mesmo nome e de propriedade do estado, fica destinada, a partir desta data, a ser sede efetiva do Instituto Histórico de Mato Grosso e do Centro Matogrossense de Letras”.

As providências indispensáveis à transmissão de posse, que exigiram a escritura de 15 de abril, alongaram-se até 24 de junho de 1931, quando, em sessão solene, presidida por D. Aquino Corrêa, registrou-se a inauguração da nova sede social. Mesquita exultou-se.

A sua animação prazenteira comunicava-se facilmente aos confrades, que lhe apreciavam e louvavam o idealismo capaz de operar o milagre de superar os obstáculos opostos pelo meio às organizações análogas. Analisara-lhes as causas do malogro, que oportunamente iria historiar e por isso desdobrava de esforços para que não se repetisse o triste fadário em que pereceram as associações fundadas outrora.

Correspondia-se ativamente com os grêmios congêneres, de outras regiões, com os amigos dispersos pelo Estado, ou além, com todos quantos revelassem tendências semelhantes. Não admira que, assim orientado e conhecido, viesse atuar, em certo momento, na própria Capital Federal, de maneira surpreendente, ao salvar do soçobro auspiciosa idéia, que apoiara com fervor.

Em meio de promissoras expectativas, inaugurava-se, em verdade, a 3 de maio de 1936, o “Congresso das Associações Literárias”, promovido pela Academia Carioca de Letras.

Delegado genuino da Academia Matogrossense, que se distinguiu pelo avultado número de inscrições individuais no Estado, 22, apenas inferior às que se verificaram no Distrito Federal, coube-lhe a Vice-Presidência da Mesa Diretora, de que

era Presidente o Professor Fernando de Magalhães, representante da Academia Brasileira. Apesar de chefiar a entidade, que tomara a iniciativa de congregar os escritores de todo o país, para acordarem providências de interesses da classe, Afonso Costa não conseguiu triunfasse a idéia fundamental do seu programa. Elaborava com carinho a tese de título expressivo: *“Da Federação das Academias de Letras e suas vantagens”*, cujas conclusões a comissão examinadora não endossou.

Ao negar-lhe o seu apoio, o Congresso perderia, com a impugnação do conceito principal, o próprio objetivo, que lhe inspirou a convocação. Esvasiava-se de conteúdo ideológico.

Foi nesse lance desconcertante que Afonso Costa, derrotado como autor da tese, cuja publicação, todavia, fora autorizada, recorreu a Mesquita, com quem freqüentemente se carteava de longa data. Conhecia-lhe os pensamentos favoráveis à iniciativa e não titubeou em solicitar-lhe eficiente concurso: *“Veiu, então, a indicação que, a meu pedido, José de Mesquita, da Academia Matogrossense de Letras, apresentou e defendeu, sendo aprovada naquela sessão”*, como lembrou depois da vitória, o Presidente da Academia Carioca.

Subscrita, a 12 de maio, por nove representantes de academias estaduais, comungantes nas mesmas pretensões, celeremente suplantou os preconceitos que impediam a aceitação da tese afonsina, de propósitos equivalentes.

“Fica instruída, desde já, assim prescrevia o artigo primeiro, a Federação das Academias de Letras do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, organizada conforme a regulamentação que se lhe venha dar”.

E assim foi que, mercê da intervenção oportuna de José de Mesquita, salvou-se do aniquilamento o plano em que Afonso Costa concentrara, sem êxito, as suas mais exaltadas convicções.

Atuou decidido e confiante, por bem compreender as vantagens de maior intercâmbio entre os intelectuais, que ele próprio desenvolvia em mais estreito âmbito. Fossem afamados os homens de letras, que aportassem a Cuiabá, ou estreates, manifestassem aptidões aproveitáveis, não tardava o acolhimento estimulador de Mesquita, que se tornou o protetor espontâneo dos jovens. Para inequívoca evidenciar o seu apreço pelos que se esforçavam em comprovar os próprios méritos, criou na **“Revista do Centro Matogrossense de Letras”**, cujo primeiro número veio a lume em janeiro de 1922, a **“Páginas dos Novos”**, como igualmente as **“Páginas Esquecidas”**, de homenagem a autores de antanho.

Destarte diligenciava aproximar as gerações passadas, a que os poetas serviram de intérpretes, das contemporâneas, e até das futuras, que surgiam com os seus

inquieta partidários. Compreendia-lhes os anseios, a que propiciava ensejo de divulgação, por meio da "Revista", coordenadora das atividades culturais de Mato Grosso.

De sua parte, era o mais assíduo colaborador, cujo nome figurou no sumário do número inaugural com um soneto, o primeiro da série, que se definiria mais acentuadamente no terceiro, de junho de 23, em que proclamou a sua profissão de fé literária:

*"O meu máximo ideal artístico é a Beleza,
mas a beleza extrema e perfeita e acabada,
o labor de arte que completa a natureza,
e torna numa estátua a pedra trabalhada",*

O culto absorvente em que se afervorava não somente lhe inspirou versos de sabor parnasiano, a que sucedeu, mais tarde, o feitio modernista, como igualmente a harmonia da prosa castiça.

Crônicas, romances, contos, em que mais de um crítico lobrigaria influência machadeana, afirmaram-lhe o prestígio do escritor diserto. "Cavallhada", "Contos Matogrossenses" (1928), "Espelho de Alma", (prêmio da Academia Brasileira de Letras, 1932), "Piedade", (romance - 1937), "De Lívia a Dona Carmo", ensaio em que evocou as "mulheres na obra de Machado de Assis", 1939, "No tempo da Cadeirinha" (1946), a variedade do gênero literário servia para comprovar a agilidade mental do prosador, cuja linguagem esmerada e polida jamais descambou para intencionais deslises de pensamento ou de expressão.

Apesar de se consagrar ao engrandecimento da Academia, sem prejuízo da judicatura, que exercia superiormente, como reconheceram os seus pares, quando o reelegeram, mais de uma vez, para a presidência do Tribunal de Apelação, ainda dispunha Mesquita de reservas de energia moral para sadias aplicações. Abjurando irrestritamente a incredulidade, que o desviara das tradições de família, na fase acadêmica, aproximou-se cada vez mais da Igreja, de que se tornou estrênuo paladino, como auxiliar de confiança do Arcebispo Dom Aquino Corrêa. Redator principal do semanário católico local - A CRUZ - mereceu do Papa Pio XI a comenda da Ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados à Ação Católica (1933). E como se não lhe pesassem tamanhas atribuições, ainda se afeiçoaria progressivamente ao Instituto Histórico, de que fora um dos fundadores, e por isso não recusara as responsabilidades de orador oficial.

Cumpriu-lhe, nesse posto, fazer o elogio histórico do Sr. Antônio

Corrêa da Costa, publicista e ex-presidente de Estado, do Arcebispo D. Carlos Luis d'Amour e Modesto de Melo, do General Caetano de Albuquerque, do professor João Pedro Gardez, do naturalista Carlos Lindmann, de Emanuel Amarante e Otávio Pitaluga, militares, do desembargador Luís da Costa Ribeiro, do Bispo D. Antônio Malan, do General Malan d'Angrogne, somente até o número XLIV da Revista.

A tarefa exigia-lhe pesquisas, a que se entregou cada vez mais acuradamente, conforme evidenciou magnífica série de ensaios de real valia histórica. Para afirmar os fundamentos da **"Genealogia cuiabana"**, considerou diversos ramos - **"André Gaudie Ley"** - **"Nobiliário matogrossense"** - **"Corrêa da Costa"**, **"Prados e Figueiredos"**, **"Alves Corrêa e Moreira Serra"**, **"Mesquita Muniz e Pinhos e Azevedo"**, títulos em que se desdobravam as suas percucientes investigações pelos arquivos públicos e eclesiásticos, em que tinha fácil acesso, como por igual nos cartórios.

Em biografias separadas, tratou, de **"Um homem e uma época"** - **"Monsenhor Bento Severiano da Luz"**, que o Instituto Histórico admitiu na classe de sócio correspondente, em 1892, de **João Poupino Caldas** e **Manuel Alves Ribeiro**, dois caudilhos de inquieta liderança regional, do **Taumaturgo do Sertão (frei José M. Macerata)**, que logrou fama de santidade, propagada pelo povo.

Além dos temas individuais também versou, com análoga perspicácia, outros, de ordem geral, como **"Grandeza e Decadência de Serra Acima"**, **"As Metrôpoles Cuiabanas"**, **"Os Jesuítas em Mato Grosso"**, **"A Chapada Cuiabana"**, **"Ensaio de Geografia humana e econômica"** oferecido ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, **"Gente e coisas de antanho"**, série de encantadoras crônicas, a exemplo de **Vieira Fazenda**, que se estenderam por vários números da Revista.

As suas contribuições, indicativas de espírito pesquisador, recomendaram-no à atenção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que o acolheu jubilosamente.

Ao tomar posse da cadeira de correspondente, em 1939, o discurso que proferiu, acerca de **"O Sentimento de Brasilidade na História de Mato Grosso"** evidenciou-lhe não somente os anseios do civismo e conhecimento do passado, como ainda os dotes oratórios, cultivados nas tribunas que freqüentava, principalmente em Cuiabá, do pretório à Academia e ao Instituto. Por lhe conhecerem e exaltarem a eloquência, freqüentes vezes seria solicitado por associações desejosas de ouvir-lhe a palavra conceituosa e apostolar. E tanto louvava a obra salesiana **"Nos jardins de São João Bosco"**, em mais de uma ocasião e avocava **"Um Paladino do Nacionalismo"** (J.V.Couto de Magalhães), como trataria de **"O Catolicismo e a Mulher"**, ao

inaugurar a Liga das Senhoras Católicas, no Asilo Santa Rita (1925), ou sublimava a missão dos professores em “Semeadoras do futuro”, ao paraninfar as normalistas de Cuiabá (1929) e “Professoras Novas para um Mundo Novo”, na solenidade da colação de grau às Professoras no Liceu Campograndense (1939), ou apontava “O sentido da literatura Matogrossense” (1937) e “O Exército, fator de Brasilidade” (1941). Em todas as oportunidades revela-se o homem de letras, ansioso de perfeição, irmanado ao estudioso do passado nacional, que sabia interpretar com a clarividência de magistrado judicioso.

E no procedimento, a mesma superioridade com que discretamente se ocultava, para que apenas se lhe revelassem as qualidades estimuladoras da convivência humana.

A bondade espontânea, em primeiro lugar, que o levava, por um lado, a praticar as atividades caritativas da associação de São Vicente de Paulo, de que era fervoroso adepto, e por outro, a ampliar as suas relações por vários ramos da sociedade, sem distinguir ricos ou pobres, sábios ou indoutos, qualquer que lhe fosse a pigmentação da pele.

Eram seres humanos e tanto bastava para lhe merecerem amizade, desde que se recomendassem pela correção do proceder. No lar, que por amor constituiu, imperavam análogos sentimentos, de que participava toda sua digna família, desde a tia veneranda, cujo centenário, já doente, festejou, até o caçula, ainda infante.

A paz venturosa que o envolvia começou a perturbar-se com a enfermidade que trouxe ao Rio, para ser submetido à intervenção cirúrgica, recomendada para o caso. Apesar da operação, aliviadora em curto prazo e do desvelo incansável da sua carinhosa esposa, assistida pelos filhos e outros membros da família, o mal progrediu, privando-o, por fim, de ler e escrever, a quem tanto se comprazia no convívio dos livros.

Ao sucumbir, já lhe estaria até esmorecida, com a agravação dos sofrimentos, a resignação dos primeiros meses, cristãmente suportados. Afinal, descansou, deixando aos seus a herança de um nome glorioso, sublimado pela integridade moral, com a saudade de chefe estremecido. Os pezares não se limitaram ao lar outrora ditoso, enlutado a 23 de junho, quando lhe sobreveio o desenlace. Envolveram as associações que fecundara com radioso idealismo, especialmente a Academia Matogrossense de Letras e o Instituto Histórico de Mato Grosso, que a sua inteligência peregrina irmanou no mesmo carinho.

Difícilmente encontrarão quem o substitua, com equivalentes credenciais, de cultura embebida de humanismo, capacidade rara de trabalho e vontade resolva de bem servir à coletividade, a que se irradiava a sua simpatia envolvente.